

# Introdução

Everlam Elias Montibeler<sup>1</sup>



Caro(a) leitor(a),

Esta é uma edição especial da Revista PET Economia Ufes, e é especial por vários motivos. Em primeiro lugar, a revista alcança agora sua décima publicação desde o lançamento, em 2020, consolidando-se como um espaço qualificado para reflexões críticas sobre temas econômicos e sociais relevantes. Para mim, pessoalmente, é também um momento muito especial: esta edição representa não só minha estreia como colaborador, mas minha primeira

atuação na revista como tutor do PET Economia. Além disso, assumir a tutoria inaugura um fato inédito no programa, pois sou o primeiro ex-aluno do PET a retornar na condição de tutor. E para tornar essa revista ainda mais especial, nós convidamos dois ex-tutores do grupo PET Economia da Ufes para apresentarem suas reflexões sobre o programa. Com isso, essa é a primeira revista que traz contribuições de três gerações de tutores.

Retornar ao PET na condição inédita de egresso me remete às intensas experiências que vivi como bolsista, especialmente na turbulência econômica e social de 1999. Naquele período, início do segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Brasil enfrentava uma conjuntura extremamente adversa, marcada por desemprego acima de 10%, desvalorização cambial acelerada e uma taxa Selic que atingiu impressionantes 45% ao ano. Sob alegações de austeridade fiscal, o governo federal anunciou cortes profundos em diversos programas educacionais, incluindo a extinção do Programa Especial de Treinamento (PET), decisão que lançou centenas de grupos à deriva nas universidades públicas. Vivenciei diretamente esse contexto difícil, participando das intensas mobilizações locais e nacionais em defesa do PET. Recordo-me bem de nossas viagens para Brasília, da formação dos fóruns de luta e organização do PET e do sentimento de pertencimento que nutrimos uns pelos outros por estarmos todos juntos em defesa de um objetivo maior. A contínua mobilização de estudantes, tutores e reitores, com o apoio decisivo de entidades como a SBPC, ANDES, UNE e Andifes, obrigou que o MEC finalmente revogasse, em 2001, a extinção do programa.

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tutor do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/UFES.

Durante meus anos como petiano (1999-2002), atravessei também outros desafios marcantes: enfrentamos três greves docentes consecutivas e convivemos com oito meses de suspensão das bolsas, situação que tornou as condições de permanência dos estudantes extremamente precárias. Mesmo diante dessas dificuldades, nosso grupo tornou-se uma verdadeira trincheira em defesa da educação pública de qualidade. Sob a liderança inspiradora do professor Reinaldo Carcanholo (tutor do PET Economia desde sua fundação em 1992 até 2012), permanecemos coesos e aguerridos, realizando debates dentro e fora dos muros da universidade, produzindo manifestos e buscando fortalecer o vínculo com a sociedade. Essa experiência marcou profundamente minha formação acadêmica e política, consolidando em mim a convicção do valor social e educativo do PET.

Depois da marcante gestão do professor Reinaldo, o programa teve continuidade através das tutorias de Maurício Sabadini (tutor de 2012 a 2018) e Vinícius Pereira (2018 a 2014), que agora retornam à revista como convidados especiais. Dando sequência a esse legado, assumo o compromisso de cultivar no PET uma tradição duradoura e enriquecedora: estimular que cada vez mais ex-bolsistas do PET retornem ao programa na condição de tutores.

Antes de passar para a apresentação dos textos que compõem essa 10<sup>a</sup> edição da Revista PET Economia Ufes, quero dirigir-me especialmente aos atuais petianos: ao olhar para cada um de vocês revejo aquele estudante que, anos atrás, se sentava em alguma cadeira da sala 207 do Departamento de Economia, nas quintas-feiras às 11h15, cheio de esperança e curiosidade durante as reuniões do PET. Essa lembrança me move hoje, como tutor, a colocar toda a minha energia e dedicação para que vocês vivenciem integralmente a mesma experiência transformadora que marcou a minha trajetória. É dessa ponte entre o meu passado e o seu presente que nasce o profundo carinho que sinto por cada um de vocês, e a certeza de que avançaremos juntos, aprendendo e crescendo como coletivo.

Como já mencionei, nesta edição da revista temos a honra de contar com o relato de dois ex-tutores do PET Economia, que compartilham suas experiências e reflexões sobre o papel formativo do programa em tempos de intensas transformações sociais e institucionais. Seus textos oferecem, ao mesmo tempo, um testemunho pessoal e uma análise crítica sobre os desafios enfrentados pelo PET e pela universidade pública brasileira.

Mauricio Sabadini, com quem tive a honra de compartilhar vivências acadêmicas durante um evento acadêmico que aconteceu em 2007 na Universidade de Paris XI quando ainda cursava seu doutorado, revisita os fundamentos teóricos e institucionais que norteiam o PET, destacando a importância de preservar os princípios de cidadania, criticidade e função social da educação superior. Ao longo de sua reflexão, ele propõe uma série de indagações sobre o presente e o futuro do programa diante da intensificação das lógicas produtivistas, da perda de sentido coletivo e das pressões do mercado sobre a universidade. Seu texto, ao mesmo tempo afetivo e crítico, reforça a ideia de que o PET deve continuar sendo um espaço de formação ampla e politicamente engajada.

Vinícius Pereira, por sua vez, oferece um relato sobre sua trajetória como tutor entre 2018 e 2024, período marcado pela ascensão do extremismo político, pela pandemia de Covid-19 e por inúmeras adversidades enfrentadas pelos estudantes. Seu texto destaca como o PET foi capaz de se reinventar diante da crise, tornando-se um canal de resistência, produção crítica e acolhimento em tempos sombrios. Mais do que um balanço de gestão, seu depoimento é um elogio à força transformadora da educação pública e à utopia de uma universidade mais justa, inclusiva e emancipadora.

Tanto o meu testemunho como esses dois relatos deixam evidente que o compromisso com uma formação crítica, uma consciência cidadã e uma postura construtiva são elementos basilares sobre os quais se assentam os princípios pedagógicos do PET Economia da UFES. Naturalmente que isso se reflete na produção do grupo, tal como fica evidente pela amostra que acompanha a presente edição nas seções de resenhas e artigos.

Na primeira resenha, intitulada “Capital e natureza: a dialética da exploração”, Gabriela Morozini e João Henrique Nascimento abordam de forma contundente a crise ecológica atual, revelando como o capitalismo, em seu movimento incessante de acumulação, distancia o homem da natureza, levando à exploração desmedida dos recursos naturais. Sob essa lógica predatória, a natureza é tratada meramente como um meio para o fim da valorização do capital, resultando em consequências catastróficas, como o esgotamento dos recursos e mudanças climáticas irreversíveis, que colocam em risco a continuidade da vida humana e do próprio planeta. Com esse texto, os autores nos provocam a refletir sobre a urgência de repensar a relação entre sociedade e natureza, ao mesmo tempo em que insinuam que talvez a dificuldade de transformação estrutural seja tão grande que seria mais sincero admitir que estamos diante de uma crise irreversível (gostaria de pensar que essa seria uma perspectiva um tanto pessimista, mas sinto que talvez seja só uma compreensão muito lúcida da realidade).

Arthur Mariano e Maria Caneva, por sua vez, trazem uma análise crítica sobre as redes sociais e sua crescente instrumentalização política por grupos econômicos dominantes, na resenha “Qual é o X das Redes Sociais?”. Ao destacar o papel central das plataformas digitais no debate público contemporâneo, os autores evidenciam como a falta de regulação adequada permitiu que tais espaços se tornassem ambientes férteis para disseminação de desinformação, manipulação ideológica e fortalecimento de discursos conservadores e neoliberais. É particularmente instigante (e desanimador) observar como, em nome da liberdade de expressão, acaba-se legitimando práticas que corroem justamente a democracia que dizem defender, desnudando uma grave contradição da contemporaneidade digital.

Em nossa terceira resenha (“O coaching e a formação do neossujeito”), Gabriel Matheus Ferreira Santos e Henrique dos Anjos Moura analisam o fenômeno do coaching como expressão máxima do discurso neoliberal na contemporaneidade. A resenha problematiza como essa prática, sob o disfarce de desenvolvimento pessoal e profissional, perpetua e aprofunda relações de exploração e precarização do trabalho. Nesse processo, o trabalhador internaliza a lógica competitiva do mercado e assume para si a

responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, intensificando o sofrimento psíquico e a alienação social, em um ciclo vicioso que agrava ainda mais as desigualdades sociais. A reflexão trazida pelos autores nos confronta com a realidade de que o neoliberalismo não apenas domina o mercado econômico, mas também invade a subjetividade humana, transformando cada indivíduo em seu próprio explorador.

Essas três resenhas mostram, sob diferentes aspectos, como o capitalismo em sua versão neoliberal tem produzido consequências aterradoras para nossa sociedade atual. O artigo de Isabella Lima da Silva, “Trabalho fragmentado, direitos diluídos: a alienação neoliberal sob o fenômeno da ‘pejotização’”, dialoga diretamente com essas questões. A autora mostra como a prática da “pejotização”, amplamente difundida no atual contexto neoliberal, fragiliza os direitos dos trabalhadores e transforma o vínculo empregatício em uma relação individualizada e insegura. Sua análise ajuda a entender que essas mudanças nas relações de trabalho não são exceções ou desvios, mas fazem parte de uma lógica bem definida, que busca transferir responsabilidades para os indivíduos e aprofundar a alienação. O artigo contribui, assim, para reforçar a crítica ao modelo neoliberal como um sistema que precariza vidas e esvazia as possibilidades de ação coletiva e, com isso, qualquer forma significativa de resistência à exploração.

Por outro lado, o artigo de Wallace Alves Cearense se distancia das análises conjunturais anteriores e nos conduz para um campo teórico da economia monetária, com seu artigo intitulado “Do escambo ao cartalismo: teorias monetárias em Keynes e Friedman e as particularidades metodológicas”. O autor explora as diferentes abordagens metodológicas de Keynes e Friedman para compreender o surgimento e o papel da moeda na economia, e demonstra como diferentes pressupostos metodológicos condicionam radicalmente as conclusões econômicas e, conseqüentemente, as políticas econômicas derivadas.

Para coroar essa edição tão especial, apresentamos a voz daqueles que dão vida ao PET em seu cotidiano: os próprios petianos. Na seção Relatos dos Petianos, nossos alunos respondem à pergunta “o que é ser petiano?”, compartilhando experiências que ultrapassam os limites da universidade e demonstram como o programa influencia profundamente suas trajetórias pessoais e acadêmicas. Os relatos apresentados a seguir revelam, com sinceridade e entusiasmo, a diversidade de significados que o PET assume para cada integrante, ajudando-nos a compreender melhor o valor transformador desse espaço tão singular.

Os textos compilados nesta revista nos ajudam a refletir sobre o trabalho transformador que tem sido realizado pelo PET Economia. Mas o debate promovido pelo grupo não se encerra nessas páginas. Ele se amplia e se reinventa em outras linguagens e formatos, como é o caso do nosso Podcast.

O PET Economia realiza programas de Podcast em que especialistas são convidados a participarem do quadro: “Economia e sociedade: para além da aparência”. Apresento um resumo de cinco dos nossos episódios que você pode conferir no nosso canal no Spotify. O primeiro deles é o episódio nº 56,

dirigido pelos petianos Arthur Mariano e Diogo Schiavinatto, em que eles debatem, junto ao tutor do PET Conexões da UFES, João Porto, e às graduandas Samilla Correia (Pedagogia) e Alice Fontoura (Ciências Sociais), os desafios do “Novo Ensino Médio e a precarização da atividade docente no Brasil”. Este tema é caro ao país, pois é por meio da educação que vamos conseguir nos desenvolver como nação e promover maior equidade social.

Para o episódio nº 57, os petianos Ana Carolina de Paula Simões e Kayky Barcelos de Oliveira convidaram para a conversa sobre o papel dos “Movimentos sociais na contemporaneidade” o Prof. Dr. Gustavo Moura de Cavalcanti Mello, docente do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

O estimado professor Dr. Paulo Nakatani, docente emérito da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), conversou, durante o episódio nº 58, com os petianos Gabriel Santos e Rafael Barbosa sobre financeirização e orçamento público. A financeirização impulsiona a reprodução do capital fictício, que depende, entre outras formas de valorização, da captura do orçamento público pelas elites financeiras e da sustentação de um capital rentista parasitário.

Foi tema do episódio nº 59 a discussão sobre “Seguridade Social no Brasil: Contingências e Desafios”. Nele, as bolsistas Hemille Barbosa e Maria Caneva entrevistaram a professora Dr.<sup>a</sup> Cenira Andrade de Oliveira, referência em temas como Seguridade Social, políticas públicas de proteção social e inclusão. A professora faz um importante resgate das conquistas promovidas pela Constituição Federal de 1988 no campo dos direitos sociais, que vêm sendo constantemente questionadas por correntes políticas que desejam reduzir o tamanho do Estado e sua participação na garantia da proteção social.

Por fim, gostaríamos de sugerir o imperdível episódio nº 60 sobre “A escala 6x1 e a jornada de trabalho no capitalismo contemporâneo”. A professora Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Fregnani Colombi, docente do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), conversa com os petianos Gustavo Almeida e Gabriela Morozini sobre a dura jornada de trabalho de 6 dias com apenas 1 de descanso, expondo a contradição central da forma tradicional de reprodução do capital num contexto pós-pandemia em que se discute trabalho remoto e maior flexibilização do tempo de trabalho, especialmente a redução da jornada semanal.

Espero que os textos aqui reunidos sirvam não apenas como ponto de partida para reflexões sobre os desafios do nosso tempo, mas também como inspiração para ações concretas e transformadoras. Em nome do PET Economia, convido você a seguir conosco nesse percurso, acompanhando nossas próximas atividades e, quem sabe, somando-se a esse esforço coletivo de pensar criticamente o mundo em que vivemos.

Uma excelente leitura!